

5º - SIMULADO DE REDAÇÃO - (09/06/17)

Texto I

Previsões de especialistas, ou o engodo em que queremos acreditar

A mídia nos bombardeia diariamente com as previsões de especialistas sobre o futuro da Grécia, do euro, da economia americana, sobre o preço do petróleo e o comportamento das Bolsas, para citar uns poucos temas candentes. Esses experts mais erram do que acertam, mas nem por isso deixamos de recorrer a eles sempre que o horizonte se anuvia. Como explicar o paradoxo?

Uma boa tentativa é o recém-lançado 'Future Babble' (balbúcio sobre o futuro), do escritor e jornalista Dan Gardner. As passagens mais divertidas do livro são sem dúvida aquelas em que o autor mostra, com exemplos e pesquisas científicas, quão precária é a previsão econômica e política.

Num célebre discurso de 1977, o então presidente dos EUA, Jimmy Carter, ancorado nos conselhos dos principais experts do planeta, conclamou os americanos a reduzir drasticamente a dependência de petróleo de sua economia, porque os preços do hidrocarboneto subiriam e jamais voltariam a cair, o que inevitavelmente destruiria o "american way"¹. Oito anos depois, as cotações do óleo despencaram e permaneceram baixas pelas duas décadas seguintes.

Alguém pode alegar que Gardner escolhe de propósito alguns exercícios de futurologia que deram errado apenas para ridicularizar a categoria toda. Para refutar essa objeção, vamos conferir algumas abordagens mais sistemáticas do problema. Em 1984, a revista britânica "The Economist" pediu a 16 pessoas que fizessem previsões sobre taxas de crescimento, câmbio, inflação e outros dados econômicos. Quatro dos entrevistados eram ex-ministros de Finanças; quatro eram presidentes de empresas multinacionais; quatro, estudantes de economia de Oxford; e quatro, lixeiros de Londres. Uma década depois, as predições foram contrastadas com a realidade e classificadas pelos níveis de acerto. Os lixeiros terminaram empatados com os presidentes de corporações em primeiro lugar. Em último ficaram os ministros -- o que ajuda a explicar uma ou outra coisinha sobre governos.

A razão para tantas dificuldades em adivinhar o futuro é de ordem física. Nós nos habituamos a ver a ciência prevendo com enorme precisão fenômenos como eclipses e marés. Só que esses são sistemas lineares ou, pelo menos, sistemas em que dinâmicas impostas pelo caos podem ser desprezadas. E, embora um bom número de fenômenos naturais seja linear, existem muitos que não o são. Quando o homem faz parte da equação, pode-se esquecer a linearidade. Nossos cérebros também trazem de fábrica alguns vieses que tornam nossa espécie presa fácil para adivinhos. Procuramos tão avidamente por padrões que os encontramos até mesmo onde não existem. Temos ainda compulsão por histórias, além de um desejo irrefreável de estar no controle. Assim, alguém que ofereça numa narrativa simples e envolvente uma explicação sobre o mundo já estará apelando a várias de nossas preferências inatas. Se esse modelo trouxer ainda a perspectiva de predizer o futuro, vendê-lo a incautos é quase tão fácil quanto roubar doce de criança. Não é por outra razão que oráculos, profecias e augúrios estão presentes em quase todas as religiões.

Como diz Gardner, "vivemos na Idade da Informação, mas nossos cérebros são da Idade da Pedra". Eles não foram concebidos para processar probabilidades, frequências relativas e o papel do acaso, que estão no cerne do conhecimento científico atual. Nós continuamos a tratar as falas dos especialistas como se fossem auspícios² divinos. Como não poderia deixar de ser, frequentemente quebramos a cara.

SCHWARTSMAN, Hélio. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br>>.

¹american way: estilo americano de vida.

²auspícios: prenúncios, presságios.

Texto II

Há uma diferença entre esses movimentos de jovens educados nos países do ocidente, onde, em geral, toda a juventude é fenômeno de minoria, e movimentos similares de jovens em países islâmicos e em outros lugares, nos quais a maioria da população tem entre 25 e 30 anos. Nesses países, portanto, muito mais do que na Europa, os movimentos de jovens são politicamente muito mais massivos e podem ter maior impacto político. O impacto adicional na radicalização dos movimentos de juventude acontece porque os jovens hoje, em período de crise econômica, são desproporcionalmente afetados pelo desemprego e, portanto, estão desproporcionalmente insatisfeitos. Mas não se pode adivinhar que rumos tomarão esses movimentos. No todo, os movimentos dessa juventude educada não são, politicamente falando, movimentos da direita. Mas eles só, eles pelos seus próprios meios, não são capazes de definir o formato da política nacional e todo o futuro. De qualquer modo, devo dizer que está fazendo-me perguntas enquanto historiador mas sobre o futuro. Infelizmente, os historiadores sabem tanto sobre o futuro quanto qualquer outra pessoa. Por isso, as minhas previsões não são fundadas em nenhuma especial vocação que eu tenha para prever o futuro.

HOBSBAWM, Eric.

Disponível em: <<http://historica.me>> (Adaptado).

A fala do historiador Eric Hobsbawn também apresenta uma reflexão sobre o futuro e suas possibilidades, relacionando o tema à ação da juventude, tradicionalmente considerada o futuro próximo das sociedades.

A partir da leitura dos textos e de suas elaborações pessoais sobre o tema, **REDIJA** um texto argumentativo em prosa em que discuta a seguinte questão:

É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?

Instruções:

- ❖ Seu texto deve ser escrito à tinta na Folha Oficial de Redação;
- ❖ Atenda à norma culta da Língua Portuguesa;
- ❖ Mínimo 28 e máximo 30 linhas;
- ❖ O texto que apresentar cópia da coletânea ou de outros prontos será considerado texto em branco.